

Alertas sutis, riscos reais

A epilepsia pode se manifestar de forma silenciosa em cães e gatos. Por isso, entender os sintomas, as causas e os cuidados é essencial para evitar riscos e garantir bem-estar

POR JÚLIA CHRISTINE*

A epilepsia em pets ainda é cercada de dúvidas entre tutores, principalmente por nem sempre se manifestar da forma mais conhecida, com convulsões intensas e quedas. A doença neurológica, caracterizada por crises recorrentes causadas por uma atividade elétrica anormal no cérebro, pode apresentar sinais mais sutis e, por isso, muitas vezes passa despercebida. A atenção dos responsáveis e as idas frequentes ao veterinário são formas de prevenir crises e evitar complicações causadas pelos “curtos-circuitos do cérebro”.

De acordo com a médica veterinária Caroline Augusto, as crises podem ser generalizadas ou focais. “Nas generalizadas, o animal costuma cair, apresentar movimentos involuntários intensos, dilatação das pupilas, salivação excessiva e até perda de controle



O tratamento da epilepsia não deve ser negligenciado mesmo quando as crises estão controladas

urinário e fecal. Já nas focais, os sinais podem ser mais discretos, como tremores em uma única pata, contrações faciais ou mastigação involuntária”, explica.

Esse segundo tipo, segundo a especialista, costuma confundir os tutores justamente por fugir do padrão mais conhecido. “As crises focais são mais difíceis de serem interpretadas, porque não têm aquela imagem clássica de convulsão que muitos esperam, mas devem ser tratadas com o mesmo cuidado”, alerta.

Outro momento que exige atenção é o chamado período pós-ictal, que ocorre após a crise. Nessa fase, o pet pode ficar desorientado, andar sem rumo, não reconhecer o próprio tutor e até apresentar cegueira temporária. Em alguns casos, de acordo com Caroline, também é possível perceber sinais antes da convulsão, como ansiedade, olhar fixo e vocalização.

Além da genética

A epilepsia pode ter diferentes origens. De acordo com Caroline, a forma mais conhecida é a idiopática, geralmente de origem genética, que costuma surgir entre os seis meses e os seis anos de idade e não apresenta alterações estruturais no cérebro.

Mas há outros cenários. “Também existem casos de epilepsia estrutural, causados por lesões cerebrais, como tumores, inflamações ou doenças infecciosas, como a cinomose”, explica a especialista. Já as crises reativas ocorrem quando o cérebro responde a alterações no organismo, como hipoglicemia, desequilíbrios metabólicos ou intoxicações.

O médico veterinário Pedro Ilha reforça que algumas condições específicas podem estar associadas às crises, principalmente em determinadas raças. “Cães de porte pequeno, como spitz alemão e chihuahua, têm maior predisposição a problemas como hidrocefalia, que podem desencadear quadros convulsivos”, afirma. Doenças hepáticas em filhotes também podem estar relacionadas ao problema.

Diagnóstico e tratamento

Identificar a causa da epilepsia é fundamental para definir o tratamento. Por isso, o diagnóstico envolve uma série de etapas. “O médico veterinário começa com um histórico clínico detalhado, exames físicos, laboratoriais e neurológicos. Em alguns casos, são necessários exames de imagem, como tomografia e ressonância magnética”, explica Caroline. Cada tipo de epilepsia exige uma abordagem diferente, o que reforça a importância de não tentar tratar o animal por conta própria.

Após o diagnóstico, o tratamento se torna o principal caminho para garantir qualidade de vida ao animal. Apesar de assustar, a epilepsia não impede que o pet tenha uma rotina normal. Segundo Pedro Ilha, com o tratamento adequado, os animais podem viver bem, mesmo que apresentem crises esporádicas. “Dependendo do caso, uma crise por mês ainda pode ser considerada dentro do esperado. O importante é o controle”, afirma.